

DANIEL KEHLMANN

Fama

Um romance em nove histórias

Tradução

Sonali Bertuol



Copyright © 2009 by Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Ruhm — Ein Roman in neun Geschichten

Capa

Mariana Newlands

Imagem de capa

© Betsie van der Meer/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Natércia Pontes

Revisão

Carmen S. da Costa

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kehlmann, Daniel

Fama : um romance em nove histórias / Daniel Kehlmann ; tradução Sonali Bertuol. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : Ruhm — Ein Roman in neun Geschichten
ISBN 978-85-359-1818-2

1. Ficção alemã 1. Título.

11-01078

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

- Vozes, 7
- Em perigo, 20
- Rosalie viaja para morrer, 40
- A saída, 61
- Oriente, 73
- Resposta à abadessa, 93
- Uma contribuição ao debate, 102
- De como menti e morri, 124
- Em perigo, 149

Vozes

Antes de Ebling chegar em casa, seu celular tocou. Durante anos, ele se recusara a comprar um, afinal ele era um técnico e não confiava naquela geringonça. Como era possível que ninguém se importasse em manter junto à cabeça uma fonte de radiação nociva? Mas Ebling tinha uma mulher, dois filhos e um bando de colegas de trabalho, e sempre havia alguém se queixando da sua inacessibilidade. Assim, ele acabou cedendo, adquiriu um aparelho e pediu ao vendedor que o ativasse ainda na loja. Um pouco a contragosto, Ebling estava impressionado; era um modelo realmente perfeito: bonito, simples e elegante. E agora, sem dúvida, estava tocando.

Hesitante, ele atendeu.

Uma mulher queria falar com um tal de Raff, Ralf ou Rauff, ele não entendeu bem o nome.

Foi engano, ele disse, número errado. Ela pediu desculpas e desligou.

Depois, à noite, mais uma chamada. “Ralf!”, exclamou um homem rouco. “E aí, como vão as coisas, seu malandro?”

“Engano!” Ebling estava sentado na cama. Já eram mais de dez horas e sua mulher lançou-lhe um olhar de reprovação.

O homem pediu desculpas, e Ebling desligou o aparelho.

Na manhã seguinte, três mensagens o esperavam. Ele as ouviu no trem suburbano a caminho do trabalho. Entre risadinhas, uma mulher pedia que retornasse a ligação. Aos berros, um homem lhe dizia que viesse imediatamente, não esperariam mais por ele; ao fundo, ouvia-se o tilintar de copos e música. E depois outra vez a mulher: “Ralf, onde você *está*?”.

Ebling suspirou e ligou para o serviço de atendimento ao cliente.

Estranho, disse uma mulher com voz de tédio. Era impossível acontecer tal coisa. Ninguém recebia um número que já era de outra pessoa. Havia toda uma série de medidas de segurança.

“Mas aconteceu!”

Não, disse a mulher. Era impossível.

“E agora, o que a senhora vai fazer?”

Ela não tinha ideia, respondeu a atendente. Aquilo era absolutamente impossível.

Ebling abriu a boca e fechou-a novamente. Ele sabia que nesse momento qualquer outro teria se irritado, mas isso não era do seu feitio, e ele nem era bom nisso. Pressionou a tecla “desligar”.

Segundos depois, o telefone tocou novamente. “Ralf?”, perguntou um homem.

“Não.”

“O quê?”

“Este número está... Ele foi por engano... O senhor discou errado.”

“Este é o número do Ralf.”

Ebling desligou e pôs o telefone no bolso do casaco. O trem estava lotado de novo, ele teve que viajar de pé mais uma vez.

De um lado, uma mulher gorda se espremia contra ele, do outro, um homem de bigode encarava-o como a um inimigo jurado. Havia muitas coisas de que Ebling não gostava na própria vida. Incomodava-o que sua mulher fosse sempre tão desatenta, que lesse livros tão bobos e que cozinhasse tão deploravelmente mal. Incomodava-o que não tivesse um filho inteligente e que sua filha lhe parecesse tão estranha. Incomodava-o sempre ter que ouvir o vizinho roncando através das paredes finas demais. Mas o que mais o incomodava era ser obrigado a tomar o trem nos horários de pico. Era sempre muito apertado, sempre lotado, e aquele cheiro era tudo, menos bom.

Mas de seu trabalho ele gostava. Ele e dezenas de colegas ficavam sentados debaixo de lâmpadas muito claras e examinavam computadores defeituosos que eram enviados para lá por comerciantes de todo o país. Ele sabia o quanto frágeis eram aquelas pequenas placas pensantes, quanto complicadas e enigmáticas. Ninguém as entendia por inteiro; ninguém podia realmente dizer por que de repente paravam de funcionar ou começavam a fazer coisas estranhas. Já não se procuravam mais as causas, simplesmente iam se substituindo partes até que o todo voltasse a funcionar. Às vezes ele pensava em quantas coisas no mundo dependiam daqueles aparelhos que, no entanto — como ele sabia muito bem —, faziam só de vez em quando e como que por milagre o que se esperava deles. À noite, semiadormecido em sua cama, essa ideia o inquietava — todos os aviões, as armas guiadas eletronicamente, os computadores nos bancos —, às vezes tanto que chegava a sentir palpitações. Então Elke perguntava irritada por que ele não podia ficar quieto, daquele jeito era o mesmo que dividir a cama com uma betoneira, e ele pedia desculpas e se lembrava que a mãe já lhe dizia que ele era sensível demais.

Quando Ebling saiu do trem, o telefone tocou. Era Elke que lhe pedia para comprar pepinos no fim do dia, antes de voltar

para casa. Eles estavam em promoção no supermercado da rua em que moravam.

Ebling assentiu e despediu-se rapidamente. O telefone tocou outra vez e uma voz feminina perguntou-lhe se ele havia pensado bem no que estava fazendo, só mesmo alguém muito idiota para dispensar uma mulher como ela. Ou ele pensava outra coisa?

“Não, Ebling disse sem refletir, ele pensava exatamente isso.

“Ralf!”, ela riu.

O coração de Ebling palpitava, a garganta estava seca. Ele desligou.

Quando chegou ao trabalho, ele ainda estava perturbado e nervoso. Aparentemente, o proprietário original do número tinha uma voz parecida com a dele. Ligou mais uma vez para o serviço de atendimento ao cliente.

“Não, disse uma mulher, eles não podiam simplesmente lhe dar um novo número, a não ser que ele pagasse por isso.

“Mas este número é de uma outra pessoa!”

“Impossível, ela respondeu. Para isso havia...

“Medidas de segurança, eu sei! Mas estou recebendo a toda hora ligações para... Veja bem, eu sou técnico. Sei que a senhora vive atendendo ligações de pessoas que não têm a menor noção de nada. Mas eu sou do ramo. Eu sei como...”

Ela não podia fazer absolutamente nada, disse a mulher. A solicitação dele seria encaminhada.

“E depois? O que vai acontecer depois?”

Depois, ela disse, depois se veria. Só que dessa parte não era ela quem cuidava.

Naquela manhã, ele não conseguiu se concentrar no trabalho. Suas mãos estavam trêmulas e, na hora do almoço, ele não sentiu fome, embora tivesse bife à milanesa. A cantina não servia bife à milanesa com muita frequência e ele costumava ficar com água na boca já no dia anterior. Dessa vez, porém, ele devolveu

a bandeja com o prato pela metade, foi para um canto tranquilo do refeitório e ligou o celular.

Três mensagens. A filha pedia que ele a buscasse na aula de balé. Isso o surpreendeu, ele nem sabia que ela dançava. Um homem que lhe pedia para retornar a ligação. Nada naquela mensagem revelava a quem era dirigida: se a ele ou ao outro. E por fim uma mulher, perguntando por que ele dava tão pouco as caras. Aquela voz, grave e ronronante, ele nunca ouvira antes. Justamente quando ia desligar o aparelho, ele tocou novamente. O número na tela começava com um sinal de mais e o prefixo vinte e dois. Ebling não sabia de que país era. Ele quase não conhecia ninguém no estrangeiro, somente sua prima na Suécia e uma senhora velha e gorda em Minneapolis, que todo ano no Natal mandava uma foto em que aparecia erguendo um copo, sorridente. *Para os queridos Ebling*, vinha escrito no verso, e nem ele, nem Elke sabiam qual dos dois afinal era parente dela. Ele atendeu.

“Nos vemos mês que vem?”, indagou um homem. “Você estará no Festival de Locarno, não é? Eles não iriam adiante sem você, Ralf, não nessas circunstâncias, certo?”

“Estarei lá, sim”, disse Ebling.

“Esse Lohmann. Já era de se esperar. Você falou com o pessoal de Degetel?”

“Ainda não.”

“Já está na hora! Locarno pode nos ajudar muito, como Veneza há três anos.” O homem riu. “E de resto? Clara?”

“Vamos indo”, disse Ebling.

“Seu velho canalha”, disse o homem. “É incrível.”

“Também acho”, disse Ebling.

“Você está resfriado? Sua voz está estranha.”

“Agora eu preciso... fazer outra coisa. Ligo de volta.”

“Está bem. Você não muda nunca, não é?”

O homem desligou. Ebling apoiou-se na parede e esfregou a testa. Ele precisou de um momento até voltar a si: ali era a cantina, à sua volta seus colegas comiam bife à milanesa. Rogler passou com uma bandeja.

“Oi, Ebling”, disse Rogler. “Tudo bem?”

“Sim, claro.” Ebling desligou o telefone.

Ele passou a tarde inteira meio ausente. A questão sobre que parte de um computador estava com defeito e como poderiam ter ocorrido os problemas que os comerciantes descreviam em suas mensagens cifradas — *cliente diz press. tecla reset pq desliga antes display exibe zero* — hoje simplesmente não o interessava. Então era essa a sensação de ter algo pelo qual se espera ansiosamente.

Ele adiou o momento. O telefone ficou desligado no trem enquanto voltava para casa, ficou desligado no supermercado enquanto comprava pepinos e, durante o jantar com Elke, enquanto as duas crianças trocavam chutes por baixo da mesa, o celular também ficou quieto em seu bolso, mas Ebling não conseguia parar de pensar nele.

Então ele foi para o porão. O lugar cheirava a mofo, num canto havia uma pilha de caixas de cerveja, num outro as partes de um armário da IKEA, temporariamente desmontado. Ebling ligou o telefone. Duas mensagens. Justamente quando ia ouvi-las, o aparelho vibrou em sua mão: alguém chamava.

“Pois não?”

“Ralf.”

“Pois não?”

“O que é isso agora?”, ela riu. “Está brincando comigo?”

“Jamais faria isso.”

“Que pena!”

Sua mão tremia. “Tem razão. Na verdade, com você... eu gostaria de...”

“De...?”

“... brincar.”

“Quando?”

Ebling olhou ao seu redor. Ele conhecia aquele porão como a palma da mão. Cada objeto fora posto ali por ele próprio. “Amanhã. Diga quando e onde. Estarei lá.”

“Está falando sério?”

“Descubra você mesma.”

Ele a ouviu respirar profundamente. “No Pantagruel. Às nove. Você faz a reserva.”

“Está bem.”

“Você sabe que isso não é sensato?”

“E quem está preocupado com isso?”, perguntou Ebling.

Ela riu, e então desligou.

Nessa noite, ele encostou na mulher pela primeira vez depois de muito tempo. No começo, ela ficou surpresa, perguntou o que havia dado nele e se ele tinha bebido, depois cedeu. Não foi demorado, e enquanto a sentia sob seu corpo, pareceu-lhe que estavam fazendo algo indecoroso. A mão dela bateu em seu ombro: ela não estava conseguindo respirar. Ele se desculpou, mas ainda levou alguns minutos até se separar dela e rolar para o lado. Elke acendeu a luz, lançou-lhe um olhar de reprovação e recolheu-se no banheiro.

Claro que ele não foi ao Pantagruel. O telefone ficou desligado o dia inteiro, e à noite, às nove horas, ele estava sentado diante da televisão assistindo a um jogo de futebol da segunda divisão com seu filho. Ele sentiu um formigamento elétrico, era como se naquele momento um sósia, um representante dele num outro universo, entrasse num restaurante caro e encontrasse uma mulher alta e bela, que escutava suas palavras com atenção, que ria quando ele dizia algo espíritooso e cuja mão de vez em quando roçava na dele como que sem querer.